



MONOPARENTALIDADE FEMININA: ALTERNATIVA OU REALIDADE SOCIAL

Iolene Mesquita Lobato¹

1-Introdução

Este trabalho tem como objetivo apreender as expressões simbólicas e o imaginário que a mulher responsável pelo domicílio na comunidade discente da Universidade Federal de Goiás constrói como arranjo familiar. Para isso, dá ênfase ao ingresso da mulher no mercado de trabalho e a sua “nova” mentalidade em (re) elaborar a sua vontade e tomada de decisão, em função dos valores (subjetividade, autonomia, independência, etc.) individualistas que emergem no contexto urbano.

Para compreender esse arranjo familiar vou observar e entrevistar um universo de trinta alunas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFG, chefes de família, com filhos e sem cônjuge. As entrevistas das interlocutoras universitárias, obtidas no trabalho de campo, revelarão atitudes, experiências, vivências, como também, revelará se esse grupo deseja ou não constituir família novamente, mostrará como são vistas, na condição de chefe de família, com filho e sem cônjuge pelas outras pessoas que não fazem parte desse universo.

2-O processo de urbanização e suas influências na vida familiar

Do mesmo modo, a rua é local de individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos²

O processo de urbanização³ teoricamente gerou transformações na economia, mudanças no espaço urbano, no modo de viver e nas relações sociais. No mundo rural, as relações sociais eram diretas e duradouras, já que esse universo é definido pelos estudiosos como tradicional e pouco afeito às transformações. Mas, ao sofrer os impactos do mundo moderno, através das transformações econômicas capitalistas ocorridas ao longo do século XX, a sociedade brasileira passou a se tornar cada vez mais urbana, onde as relações sociais são caracterizadas pela fragmentação e transitoriedade.

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás. iolenelobato@gmail.com

² DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

³ Wirth (1987) define urbanização como o processo que alterou as relações sociais e o modo de vida ao substituir as relações primárias (de base familiar) pelas relações secundárias (caracterizada pela racionalidade)



No Brasil a urbanização provocou mudanças na vida social, mas elas ocorreram em tempos e de formas diferenciadas em cada região. Assim, as transformações no modo de viver e pensar, decorrentes do processo de urbanização, não foram homogêneas nem no tempo e nem no espaço, constituindo formas complexas e mescladas que misturam valores rurais e urbanos. Nesse contexto, vislumbro a emergência de novos arranjos familiares na sociedade goianiense, provocando significativas mudanças instituição da família em nosso meio.

Nos trechos⁴ da entrevista que relato a seguir é possível perceber as mudanças a que me refiro:

Na minha época [por volta de 1944] a mulher não precisava trabalhar, minha função era cuidar da casa, dos filhos e do marido. A gente não tinha opinião, não decidia nada. Lembro bem quando um dos nossos filhos adoeceu, Carlito tinha três anos, o menino gemia de dor, febre alta. Naquele tempo tudo era difícil, longe, o transporte era a charrete. E meio ao todo sofrimento do meu filho, meu marido dizia que foi falta de cuidado que o menino adoeceu, se tivesse uma mãe que cuidasse direito ele não estaria doente. Ouvia aquilo ali calada, mas me magoava muito! As crianças não podiam correr e gritar quando ele estava em casa, todos tinham que se comportar como adultos, senão eram castigados. Bastava um olhar dele que os meninos se escondiam nos cômodos da casa. Com o tempo a roça não dava mais conta, a saúde do meu marido foi debilitando e tivemos que ir morar numa corrutela, em Bonópolis nas proximidades de Porongatu, GO. Tudo muito difícil, uma nova vida a enfrentar. Mas parece que era apenas o lugar que tinha mudado: a casa... Porque tínhamos que agir da forma que meu marido dizia, continuava do mesmo jeito, exigia a mesma coisa de mim e dos filhos. Assim fui levando a vida (X, 65 anos)

E ela continua relatando...

Tive oito filhos, cinco homens e três mulheres. Ensina a minhas filhas tudo aquilo que minha mãe me ensinou: bordar, costurar, cozinhar e cuidar da casa. [No entanto] não queria que elas tivessem uma vida sofrida como tive, por não ter estudo, só sabia e conhecia as coisas da casa. Quando fomos para Bonópolis, insisti muito com meu marido que nossos filhos fossem estudar. Com jeitinho e muita insistência, ele deixou os meninos irem à escola. Naquele tempo a escola era apenas uma sala, com uma professora que ensinava o bê-a-bá. Mas já era alguma coisa. Eu acreditava que eles poderiam ter um futuro melhor sabendo ler e escrever. Foi uma luta, manter esses meninos na escola, meu marido achava que homem tinha que pegar cedo no pesado, porque com ele foi assim. Ele não percebia que a vida tinha mudado que nossos filhos não poderiam ter a mesma atitude que ele teve quando mais novo. As meninas só foram estudar quando estavam grandes, mesmo assim, ficaram pouco tempo, logo arrumamos seus maridos e se casaram. Naquele época, a moça tinha que casar cedo (X, 65 anos)

Os discursos acima ajudam a pensar a transição do contexto rural para o urbano em Goiás, mostrando como a família era representada, qual era o papel da mulher nessa instituição e como os valores positivos atribuídos à educação contribuíram para a nova vida que se constituía, a vida cidadina. Vale lembrar que nos contexto urbano, o papel social feminino sofreu alterações decorrentes das novas formas econômicas que começavam a ter lugar nas cidades. Com o processo

⁴ Os relatos, da interlocutora F, que fazem parte deste capítulo foram extraídos de entrevistas realizadas para outro trabalho realizado em dezembro de 2009 na disciplina Teoria Antropológica II. As entrevistas foram feitas com três mulheres chefes de família, viúvas, pertencentes à classe média baixa, com faixa etária de 63 anos, aposentadas e residentes em Goiânia.



de urbanização a mulher saiu de casa, do âmbito doméstico e lançou-se na esfera pública, através da inserção no mercado de trabalho. Talvez essa mudança, juntamente com os movimentos feministas, seja a que mais possibilitou transformar os antigos valores referentes ao mundo da família patriarcal e abrir caminho para a instituição de novos arranjos familiares nos novos estilos da vida urbana.

Para compreender tais mudanças e seus paradoxos é preciso revisitar as principais ideias que marcaram o surgimento e a consolidação do feminismo como um movimento ou uma prática política e social no contexto moderno.

2.1-Feminismo e gênero: impactos na vida social

No Ocidente, o feminismo enquanto movimento ou prática social e política se divide em duas ondas. Uma compreendida no início do século XX até a Segunda Guerra Mundial, a outra no início da década de 1960. Ambas incidiram e contribuíram para pensar e por em questão a opressão feminina e, ao mesmo tempo, propor alternativas para a libertação dessa situação.

Segundo Gonçalves, o movimento feminista buscou a igualdade de direitos para as mulheres em todas as instâncias da vida social:

O feminismo, independentemente de suas distinções ou filiações teóricas, tende a ser considerado como o movimento de lutas coletivas de mulheres que buscam igualdade de direitos - sociais, políticos, econômicos, etc. – em todos os planos de existência⁵

Para mostrar o impacto do feminismo trago o estudo realizado por Stuart Hall⁶ que ajuda a compreender as mudanças que se processaram na identidade pessoal e conseqüentemente na subjetividade feminina. O autor mostra que um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, de sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais no passado forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamado por descentração do sujeito⁷.

Stuart Hall considera o impacto do feminismo como o quinto e último descentramento do sujeito e também “como crítica teórica, assim como um movimento social”⁸, porque questionou a distinção entre interior e exterior, público e privado, abriu portas para a contestação de várias

⁵ GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas, São Paulo: 2007, p.6.

⁶ HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁷ HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁸ HALL, op.cit. p.47 - 48.



“rubricas” da vida social, como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, além de politizar a subjetividade:

Ele também expôs, enquanto problema político e social, a questão de como nós somos formados enquanto “sujeitos do gênero”. Isto quer dizer, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mãe/pai, filho/filha)⁹

O feminismo impactou todas as áreas da vida social e suscitou no campo acadêmico discussões, reflexões e estudos de temas como a sexualidade e o gênero¹⁰ no campo das ciências sociais.

O gênero é

Um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; de outro lado, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único¹¹.

Scott explica que o gênero não é o único campo de análise, mas é um meio de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Significa que o gênero é uma categoria analítica, uma ferramenta indispensável para análise social.

Segundo Rago¹², a partir da construção social e cultural das diferenças sexuais, se definiu a categoria “gênero”, Essa categoria permitiu, segundo ela, nomear campos das práticas sociais e individuais possibilitando assim perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente.

O discurso abaixo retrata como as práticas sociais decorrentes dos papéis masculino e feminino fixados pelo modelo patriarcal, foram se modificando e reconfigurando a família brasileira:

Em janeiro de 1994 meu marido faleceu. Ele morreu com 83 anos, ainda lúcido, mas o coração não resistiu. Até a última hora ele tinha a voz em casa, mandava e desmandava, tudo tinha que ser do jeito dele. Após sua partida, fiquei sem saber o que fazer. Antes ele comandava tudo, a comida, a roupa, os horários, tudo! Demorei muito a entender que a partir daquele momento eu não tinha mais um marido, um homem para dizer o que eu deveria fazer e obedecer (X, 63 anos)

E ela continua o discurso:

⁹ HALL, op.cit. p.50.

¹⁰ Categoria analítica que se refere à diferença sexual e aos papéis sociais entre homens e mulheres.

¹¹ SCOTT apud SOIHET, Rachel. Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas. In: *Gênero em Debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997, p.66-67.

¹² RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: *Trajetórias do gênero, masculinidades*. Núcleo de Estudos de Gênero /UNICAMP, Campinas, São Paulo: 1998.



Nossos filhos já estavam todos espalhados pelo mundo de Deus. Uns foram para São Paulo tentar a vida, outros voltaram para a roça, trabalhando como peão, agricultor familiar. Minhas filhas, todas casadas e com filhos, a que tem mais filhos tem três. Elas tiveram uma vida diferente da minha, são mais independentes... Trabalham de domésticas, de cabeleireiras, diarista, para ajudarem as despesas da casa. Tomam decisões, enfrentam seus maridos se necessário. A mais nova, Antônia, um tempo desses brigou feio com o marido, porque ele não queria que ela estudasse. O que deixava ele bravo, porque chegava em casa e não encontrava ela. Dizia: casei pra ter mulher em casa e não na rua, ficava nervosa, brigava, falava mal. Chegou até a sair de casa. Quando ele viu que ela não ia abrir mão de estudar, aceitou e voltaram a viver juntos (X, 63 anos).

As falas acima demonstram como a autonomia – a igualdade da mulher quanto à tomada de decisões – passa a constituir uma referência importante na vida familiar o que irá também modificar as relações sociais e os valores que irão orientar as novas subjetividades femininas:

Hoje cuido do meu neto porque minha filha do meio, a Maria, arrumou outro casamento. Ela foi embora para a Bahia tentar a vida com esse homem. Sou viúva, responsável pelo meu lar e pelo meu neto. Vivo da aposentadoria, que não é muito, mas dá pra sobreviver dignamente. É bom, porque não fico só, apesar dele ter apenas oito anos, me faz companhia, me entrete com suas brincadeiras e teimosias. Na escola, na festa dos dias das mães sou eu que vou, fico ali pensando como as coisas mudaram, meus filhos entraram na escola tarde demais, naquela época não tinha esse negócio de apresentação, festinha pra mães. Hoje a gente assiste teatro, apresentação musical, de capoeira e poesia (X, 63 anos).

O discurso ajuda a pensar nessa possibilidade de escolha que a mulher urbana tem, ao optar por novos relacionamentos, ao escolher em constituir ou não uma nova família e a lutar por suas conquistas pessoais e profissionais.

2.2 – Características sócio-demográficas das Mulheres chefes de família na UFG

Para compreender esse arranjo familiar na UFG vou observar e entrevistar um universo de trinta alunas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, chefes de família, com filhos e sem cônjuge.

Entre as universitárias responsáveis pelo domicílio observadas até o momento, no total de dezoito, as famílias dessas mulheres compõem-se de um mínimo duas e no máximo cinco pessoas. São mulheres jovens e adultas, solteiras, separadas e viúvas.

A entrevista girou em torno de várias questões, mas quando perguntei “pretende constituir outra família”, das dezoito entrevistas, dez disseram que sim, que pretendem constituir uma nova aliança matrimonial, mas na condição de ter um companheiro que divida não apenas as atividades domésticas, mas que ajudem na criação dos filhos, além disso, que possam conciliar essa relação com os estudos e a realização pessoal e profissional.

Em relação à questão “como você é vista pelas outras pessoas”, entre as entrevistadas, as respostas variam muito, mas grande parte é vista com espanto, admiração, como guerreira, por



conseguir se manter e cuidar do filho, sem companheiro. Algumas argumentaram que a opinião alheia não tem importância, e não se preocupam com que os outros pensam. Outras disseram que muitos têm dó por se configurarem nessa condição de mãe com filho e sem cônjuge.

A faixa etária do grupo observado varia entre 19 a 53 anos. O que não difere da realidade do país que fica entre 15 e acima de 60 anos¹³. Em relação à escolaridade, três são doutorandas, duas mestrandas e treze estão na graduação, todas sem exceção pretendem dar continuidade aos estudos. Essa realidade, mesmo que parcial, ajuda a refletir como a mulher pensa na sua autonomia financeira e pessoal, investindo em sua formação. Em outras palavras, as mulheres urbanas estão investindo em educação para garantirem sua independência financeira e sua autonomia como pessoas. Por sua vez, isso significa, entre outras coisas, mudanças no modelo tradicional de família.

2.3-Mudanças e ressignificações na instituição família

A narrativa abaixo faz parte da entrevista piloto do presente trabalho dissertativo. Minha interlocutora é chefe de família, separada, branca, mãe, quarenta cinco anos, trabalhadora e estudante. A entrevista girou em torno de várias questões, mas quando perguntei “como viviam as mulheres da sua família, avó, mãe e tia”, ela deu a seguinte resposta:

Quando criança sempre ouvia minha mãe dizer que eu não seria igual a ela. Ficava ali imaginando o que significava essas palavras. O que ela queria dizer com essas coisas. Quando já mocinha, fui obrigada pela minha mãe a trabalhar, com apenas 16 anos e sem necessidade financeira. Minha mãe me pegou pelo braço, me sacudiu e bateu duro, para que eu fosse trabalhar (F, 45 anos)

O depoimento acima revela que a mãe da interlocutora F fez de tudo para que a vida de sua filha não fosse igual à dela. Nota-se no depoimento acima que a mãe da minha interlocutora situa-se entre o padrão estabelecido no modelo patriarcal e as novas formas de constituição da família, em que a mulher modifica o seu lugar nesta estrutura através da inserção no mercado de trabalho e do acesso à educação, o que leva a uma situação de independência em relação ao marido.

Ela, minha mãe, não queria que eu fosse seu espelho, que dependia do dinheiro do meu pai para tudo. Até para comprar um batom, preciso pedir dinheiro ao seu pai, dizia minha mãe. Sei que não me falta nada, mas se eu tivesse o meu próprio dinheiro, não precisaria passar por isso [depender do marido] (F, 45 anos)

E continua o depoimento:

¹³ IBGE. Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. In: Estudos e Pesquisas Informação Demográfica Socioeconômica n.8. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p.16. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/perfilmulheres.pdf>> . Acesso em: 03 Out.2008.



Apesar de todo o conforto, era humilhante. Minha mãe tinha empregada, babá, uma casa completa, mas lhe faltava a liberdade. Sentia-se como vítima fechada, e limitada pelo poder do marido. Casou-se com 18 anos e odiava a vida que tinha. Dizia que desde que casou, morreu para o mundo (F, 45 anos)

O depoimento em referência ajuda a refletir como o processo de urbanização terminou por apresentar novos valores para as mulheres que podem ser verificados nas atitudes, nas relações e nos comportamentos. Agora a mulher pensa na sua autonomia financeira e afetiva, é ela que constrói sua individualidade e nesse processo ressignifica a vida cultural, e conseqüentemente a vida familiar.

A família não se caracteriza como uma instituição homogênea, mas por uma rede diversificada de relações e padrões sociais. A vida familiar agrega valores como a afetividade, companheirismo e solidariedade. Hoje encontramos inúmeras pessoas que coabitam e não possuem nenhum laço consanguíneo de parentesco. Pais biológicos e sociais constituem essa nova representação da família brasileira.

E acompanhando essas mudanças, o casamento passa a ter um novo significado, uma nova representação. Grande parcela da população feminina atualmente não busca o casamento, mas possuem outras prioridades, como os projetos pessoais, deixando o casamento de ser a única alternativa para a vida adulta. Além disso, as alianças matrimoniais não são duradouras ou eternas. Mas se configuram como passageiras, pois muitos homens e muitas mulheres não abrem mão de projetos ou pontos de vista pessoais em prol de “assegurar” um casamento, uma vida a dois.

O individualismo contribui para explicar as novas concepções que emergiram no contexto urbano. A noção de individualidade resultado dos valores individualistas, associada às idéias de liberdade e vontade pessoais, passa a constituir e a direcionar cada vez mais a vida em sociedade.

A afirmação da individualidade sintetiza o sentido das mudanças atuais, o que tem implicações evidentes nas relações familiares, fundadas no princípio de reciprocidade e da hierarquia. Este processo foi impulsionado basicamente pelas mulheres, a partir de um fato histórico fundamental: a possibilidade de controle da reprodução que permitiu à mulher a reformulação do seu lugar na esfera privada e sua participação na esfera pública¹⁴.

A individualidade constitui uma característica da vida moderna e sua afirmação traz inúmeras conseqüências no contexto familiar, dentre elas, a capacidade de escolhas, as mudanças de comportamento e a transformação da intimidade, tanto para o homem quanto para a mulher. Isso significa que a mulher ao escolher realizar seus projetos individuais, abre mão de inúmeras coisas, como por exemplo, a ficar só, não ter filhos e não se casar. E essa capacidade de escolher

¹⁴ SARTRI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995, p.43.



necessariamente altera sua identidade, seus valores e sua formação. Assim, “os relacionamentos são construídos, negociados e repensados continuamente”¹⁵.

Pelas discussões aqui realizadas, esse grupo estudado opta pela conciliação da vida matrimonial e a realização pessoal e profissional. Argumentam que abrir mão de seus sonhos e desejos não configura em planos e nem propósitos para suas vidas.

3-Considerações Finais

A escolha por este recorte, mulher responsável pelo domicílio universitária, vem na expectativa de contrapor a perspectiva de associar este grupo familiar àquelas que o localizam na camada baixa da população, o considera como economicamente “pobres” e analfabetos. Pensar a variável escolaridade constitui um importante aspecto da minha reflexão, porque permite esclarecer especificidades do meu objeto de estudo – mulher chefe de família universitária –. A educação se configura como locus e valor para compreender as mudanças na subjetividade feminina e desconstruir a análise em que o arranjo familiar remete necessariamente à condição de pobreza e miséria. Assim, muitas questões irão emergir na elaboração e observação da dissertação em andamento.

Referências

- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas, São Paulo: 2007. p.19-85.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IBGE. Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. In: Estudos e Pesquisas Informação Demográfica Socioeconômica n.8. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/perfilmulheres.pdf>. Acesso em: 03 Out.2008.
- RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: *Trajetórias do gênero, masculinidades*. Núcleo de Estudos de Gênero /UNICAMP, Campinas, São Paulo: 1998, p. 89-98.
- SARTRI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995, p.39-49.

¹⁵ SARTRI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995, p.48.



SOIHET, Rachel. Enfoques Feministas e a História: desafios e perspectivas. In: *Gênero em Debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997, p.55-82.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Gilberto (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 19387, p. 90-113.